

# CURSO: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

13 E 20 DE SETEMBRO DE 2014

## A escola, um espaço por excelência na formação das crianças e adolescentes

*\* Olgair Gomes Garcia*

É comum alguns educadores, quase sempre os que fazem parte das equipes gestoras das escolas, ao permanecerem em atividades de trabalho na unidade escolar em períodos de férias escolares, se sentirem entediados e desanimados. E isto acontece, certamente porque os que trazem a vida alegre e agitada ao cotidiano estão ausentes: alunos e professores. Sem os personagens essenciais, razão de ser das escolas, embora não falte trabalho, na ausência deles a rotina parece sem sentido e sem destinatário. É uma situação que nos faz pensar que, no cenário educacional, queiramos ou não, **os protagonistas fundamentais são os estudantes e seus professores**. Todos os demais são coadjuvantes importantes, indispensáveis, mas não fazem a dinâmica da escola acontecer sem eles.

**Afinal, por que a escola? O que se espera da escola nos dias de hoje? Qual a função e o compromisso da escola no contexto político e social? Que lugar e que importância tem os professores que integram as equipes escolares na formação e desenvolvimento das crianças e adolescentes que povoam de vida e exuberância as escolas?**

Pode dar a impressão de que de novo vão se repetir ideias e teorias já saturadas e sem destino. No entanto, **se o foco de todo este estudo for os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem** um novo cenário, ao ser desvendado e recriado, pode guardar saberes, revelações e descobertas fascinantes e com um potencial enorme para **o delineamento da reconstrução necessária da escola nos dias de hoje e para o futuro**.

Na constituição da vida em sociedade a escola aparece num momento em que, consequência da crescente complexidade da própria organização social, a família sozinha não conseguia mais dar conta da educação dos filhos, lhes assegurando com segurança o domínio dos valores da vida em sociedade, nem a transmissão cultural que lhes assegurasse suporte confiável para a inserção na vida social de forma produtiva e participativa. A escola surge, assim, com a função de contribuir efetivamente na formação das gerações mais jovens, de transmissão dos valores e saberes culturais e de preparação para o mundo do trabalho e da vida política. (SEVERINO, 1994)

No Brasil, calcado em grande parte no modelo da escola européia, uma rápida passagem pelas legislações que se encarregaram de normatizar sua organização nos permite perceber como a escola para as crianças, de uma escola de ensinar as primeiras letras e os rudimentos da aritmética, foi se consolidando em níveis, quais sejam primário, ginásio, colegial ou científico e superior. Em 1970, esta organização se modificou consideravelmente com a transformação do primário e ginásio em ensino de 1º grau e o colegial em ensino de 2º grau. A atual LDB deu nova organização, tornando a educação infantil (a partir de zero ano) integrada á educação básica e transformando o 1º e 2º graus em ensino fundamental e ensino médio, respectivamente.

Educação infantil	X	X	a cargo dos municípios	a cargo dos municípios	responsabilidade dos municípios, para crianças de zero a os seis anos
educação dos seis aos 14 anos	escola primária	curso primário obrigatório para crianças dos sete aos 10 anos	curso primário obrigatório para crianças dos sete aos 10 anos	ensino de 1º grau de oito séries, obrigatório até os 14 anos de idade	ensino fundamental de nove anos, obrigatório a partir dos seis anos de idade
	curso ou exames preparatórios para ingresso no Liceu	Aprovação no exame de admissão para ingresso no curso ginásial com duração de 4 anos	Aprovação no exame de admissão ou ter feito o 5º ano para ingresso no ginásio secundário ou técnico com duração de 4 anos		
educação dos 14 aos 17 anos	Liceu ou colégio	curso científico clássico técnico	colegial: <b>secundário</b> com duração de três anos <b>técnico:</b> com duração de três ou quatro anos	ensino profissionalizante nas modalidades de <b>auxiliar</b> (duração de três anos) e <b>técnico</b> (duração de quatro anos)	ensino médio

O jeito apressado de como se tem lidado com as questões educacionais no Brasil colaborou sensivelmente para que, na prática, até os dias de hoje, dentro e fora das escolas, seja bastante comum a referência sobre “prézinho”, primário e ginásio. Como não se trata apenas de uma troca de palavras para designar a mesma coisa, faz-se necessário aprofundar a reflexão sobre estas mudanças na organização da educação básica no Brasil e, com isso, ampliar o significado da concepção de escola e do papel que cada professor ocupa ao longo da escolaridade das crianças e dos adolescentes. **Pode-se afirmar que a ressignificação da escola passa hoje, sem dúvida, por uma compreensão mais aprofundada do que é a escola para as crianças e na vida das crianças e adolescentes e do quanto esta etapa da escolarização repercute na constituição da vida de cada sujeito jovem ou adulto.**

A justificativa para a organização da escolaridade básica dentro de um parâmetro que vai do bebê (zero ano) até o adolescente (por volta de 17 ou 18 anos) procura contemplar duas questões consideradas essenciais: a compreensão de que o desenvolvimento até se chegar à vida adulta se dá ao longo de um determinado tempo e é processual e, sendo assim, é dever e compromisso do poder público assegurar educação de qualidade e abrangência a todas as crianças e adolescentes em idade escolar.

Tomando inicialmente a questão do desenvolvimento para análise, se este desenvolvimento ocorre dentro de um processo, não se pode ignorar que tudo o que é proporcionado ou acontece com a criança na educação infantil irá constituir as bases para o seu desenvolvimento subsequente no fundamental e também no ensino médio nos planos afetivo, cognitivo, físico e social. Como a criança não é um ser passivo diante do mundo e das coisas, mas um sujeito curioso e desejoso de aprender e descobrir como é que tudo funciona, a alegria e a curiosidade que expressa diante de um fato ou experiência que vivenciou estabelece as bases para o querer aprender mais e, não só isso, lhe proporciona a aquisição de níveis diferenciados de compreensão do novo, abrindo perspectivas de sentir em si mesmo como se modifica diante dos outros e do mundo, e como vai se apropriando mais e melhor de si mesmo, do seu querer e sentir-se capaz, no convívio com os outros.

A criança, e depois o adolescente e o adulto, carrega dentro de si as marcas de um processo que lhe dão paulatinamente a dimensão do que viveu e construiu, experimentou e lutou, das barreiras que teve que enfrentar, dos desafios que teve que assumir, dos riscos que precisou suportar, das alegrias que experimentou, das decepções por ser impedido de realizar os próprios sonhos, das tristezas e decepções inevitáveis. Isto tudo para dizer que desde a mais tenra idade até por volta de cinco ou seis anos aprende e se comporta de um jeito que é diferente dos seis aos 10 ou 11 anos, que também é muito diferente dos 11 aos 13 ou 14, dos 15 aos 17/18 anos. É o mesmo sujeito se transformando e se experimentando no seu processo de aprender a viver no meio dos outros, que são muito diferentes de si mesmo.



Quando se aborda o processo no desenvolvimento do aprender a ser, construir e alcançar metas, isto significa lembrar que resultados ou produtos não se expressam apenas por valores quantitativos, mas são, porém, de grande valor quando vistos e analisados com referência no processo de desenvolvimento do sujeito que é, de fato, o que dá referências qualitativas de valor à aprendizagem na escola e na vida. A fragmentação da escola, insistindo em ver cada ano escolar como definitivo para oferecer condições de prosseguimento no processo, expõe de forma clara a preocupação equivocada e mesmo injusta de muitas escolas e educadores que insistem e transformar a educação em mera transmissão de informações, de conteúdos que quase sempre não ressoam no processo de desenvolvimento dos alunos, sejam eles crianças ou adolescentes.

Uma escolaridade que é organizada para atender os níveis do desenvolvimento humano, requer, por isso mesmo, que todos os educadores que participam da vida das crianças e adolescentes neste processo compreendam que, embora o tempo que vão ocupar na vida de cada aluno seja dimensionado no tempo escolar, na vida do sujeito não é transitório ou passageiro. De alguma forma, positiva ou negativamente são memórias vivas de situações em que um professor protagonizou a oportunidade de provocar registros de descobertas que algum tempo depois foram ressoando ao se defrontar com situações novas permitindo o reencontro com o conhecimento em outra esfera de significação.

Sendo o desenvolvimento um processo não apenas cognitivo mas também afetivo, físico e social, junto com a experiência da aprendizagem cognitiva, o sujeito reage também à nova aprendizagem inserido no seu plano de desenvolvimento global. Ou seja, se no dia a dia da escola, uma criança que era muito tranqüila e receptiva, de repente, no 6º ano, começa a discordar de pontos de vista, é barulhenta e desorganizada, às vezes muito lenta ou muito apressada e estabana, às vezes teimosa, egoísta e brigona até se mostrar presunçosa, vaidosa, agressiva, evasiva, sarcástica na adolescência, nas séries posteriores. Muitas vezes, os adultos, professores ou pais, acham que é a escola ou os professores que estão sendo

descuidados, mas **o que de fato pode estar acontecendo é que, para lidar com uma criança e um adolescente em desenvolvimento é necessário a disposição para se preparar para protagonizar um processo que envolve muitas fases distintas e por isso se constitui num processo permanente de aprendizagem em que a todo momento pode-se ser surpreendido com as mudanças e alterações no jeito peculiar de cada criança ou adolescente no processo de ensino e aprendizagem e que requerem intervenções e ações diferenciadas.** Mas o dever ou compromisso de todos os que participam deste processo é justamente assegurar que no dia-a-dia do sujeito que aprende, o processo aconteça de forma contínua e progressiva, com momentos de discórdia, conflitos, mas também de trocas afetivas intensas e comoventes.

Neste sentido, o que se espera da escola e de seus educadores é um esforço e um empenho permanentes no sentido de buscar construir com os alunos a escola que os acolhe e respeita mas também a escola que compreendendo a natureza de um sujeito em processo de desenvolvimento aprenda e se prepare constantemente para acolher mas também para assegurar a aprendizagem do convívio com o outro em sociedade no imenso quadro de exigências, solicitações, dificuldades, atropelos, desigualdades, especificações, projetos e ambigüidades. A escola que se impõe autoritariamente como modelo único não realiza a sua função social, mas também a que não procura incessantemente se construir num quadro de referências éticas, políticas, teóricas e culturais, não contribui em nada para a consecução da função social da escola. **A função social da escola é séria, complexa e abrangente e ignorá-la é negar o próprio papel de educador. Para se aprender e desenvolver autonomia não se pode perder de vista que o anseio legítimo pela liberdade exige a aprendizagem do respeito por si mesmo e pelo outro, o reconhecimento da autoridade e do poder como reguladores da vida social, a solidariedade como princípio, a participação e o trabalho como direitos, a responsabilidade e o compromisso como diretrizes da vida.**

Do exposto até aqui se depreende que para que a escola se constitua num espaço de formação por excelência é necessário se constituir num espaço de transmissão do saber constituído culturalmente ao longo do tempo, num espaço para se aprender a conviver harmoniosa e solidariamente com os outros, um espaço de efetivação do direito ao desenvolvimento de todas as potencialidades sem discriminação de qualquer ordem, um espaço propiciador de condições mínimas que assegurem um tratamento digno em todos os momentos e detalhes do processo de ensino e aprendizagem.

**O que significa desenvolvimento de todas as potencialidades do sujeito em processo de desenvolvimento? Como a escola pode realizar tal tarefa?**

Esta tem sido a tônica de todas as leis de ensino do Brasil no século XX mas também o ponto mais vulnerável na efetivação das propostas educacionais. Muitos motivos poderiam ser enumerados para descrever tal vulnerabilidade que tem, certamente, como pano de fundo, a desconsideração das condições que precisam ser oferecidas para o desenvolvimento de um projeto educacional de qualidade e condizente com as necessidades e carências de uma determinada população. De acordo com Piaget (1974), “a educação é não apenas uma formação, mas uma condição formadora necessária ao próprio desenvolvimento natural” e se assim é, “afirmar o direito da pessoa humana á educação é pois assumir uma responsabilidade muito mais pesada que a de assegurar a cada um a possibilidade da leitura, da escrita e do cálculo; significa, a rigor, garantir para toda criança o pleno desenvolvimento de suas funções mentais e a aquisição dos conhecimentos, bem como dos valores que correspondem ao exercício dessas funções, até a adaptação à vida social mais ampla.”

Muito embora, em termos de legislação, a atual LDB (1996) seja a que primeiro explicita a necessidade de cada escola ter o seu Projeto Pedagógico, tomando o que vem sendo dito desde o início deste texto e a afirmação de Piaget, um Projeto Pedagógico antes de ser uma obrigação formal, é o instrumento que organiza a interpretação de cada escola a respeito de sua função e de seu compromisso social como também se constitui no documento que autoriza e dá força às escolas, através de seus educadores e de toda a comunidade, a reivindicar e a lutar pela obtenção das condições mínimas necessárias para o desenvolvimento de um trabalho sério e de qualidade. A inclusão e obrigatoriedade do Projeto Pedagógico na legislação maior do ensino é, na verdade, uma proposta revolucionária porque reconhece e dá poder às escolas e aos educadores de assumirem a responsabilidade pelo trabalho educacional das escolas e,

portanto, de cobrar seriamente a responsabilidade dos órgãos que administram o sistema educacional quando as condições que encontram para trabalhar com os estudantes são extremamente precárias e elas próprias incitam os atos de agressão e descrença na escola e seus educadores.. Se esta face do projeto pedagógico sair das sombras e deixar de ser fantasma que assusta os que trabalham nas escolas, com certeza estaremos diante de uma nova escola.

### **Tendo resgatado a função da escola e a importância do Projeto Pedagógico, efetivamente como a escola pode assumir tamanha responsabilidade?**

Nos diferentes níveis em que deve estar organizada a educação básica, deve-se ter sempre presente a preocupação com a formação do estudante ao final desta escolaridade, o que equivale a dizer que, todo o trabalho realizado pela escola com os alunos deve resultar numa formação que, para além do trabalho envolvendo a aprendizagem dos conteúdos indispensáveis ao prosseguimento dos estudos em outro nível, assegure também sua inserção como um sujeito portador de valores humanos sólidos seja para prosseguimento dos estudos no Ensino Superior seja no mundo do trabalho e da formação profissional, na política e na sociedade de um modo geral.

Neste sentido, considerando-se por um lado, a própria natureza do conhecimento e, de outro, as características de formação e desenvolvimento dos sujeitos nos diferentes níveis em que se organiza a educação básica, para fins de ensino e aprendizagem torna-se necessário a seleção e organização do conhecimento em recortes ou blocos que vão constituir os conteúdos de ensino. Por sua ligação estreita com o conhecimento, o conteúdo não pode de forma alguma ser compactado em listagem de tópicos obrigatórios, engessados e sem vida. Os conteúdos de ensino, na verdade são recortes do conhecimento e como o conhecimento está permanentemente em construção e revisão, também o que se ensina às crianças e jovens, precisa necessariamente se inserir na mesma dinâmica do conhecimento em movimento. Colocam-se então duas questões que devem ser consideradas: uma que é de ordem conceitual e funciona um pouco como subsídio para se poder compreender o conhecimento numa esfera de dificuldade maior; a outra, é a que diz respeito à forma como o conhecimento se mostra ou se faz presente no dia-a-dia da vida em sociedade.

No primeiro caso, o professor tem uma atuação talvez maior e mais centralizada porque os alunos precisam de uma orientação e ajuda mais diretas para dominar o que ainda não sabem ou não estudaram. Pode-se chamar a isso a disciplina ou seja a aula de matemática, de língua portuguesa e de todos os demais componentes curriculares, o que não implica necessariamente que o professor se ponha sempre na frente falando, falando, e repetindo mil vezes as mesmas coisas.

No segundo caso, na medida em que, no processo, as partes vão sendo interligadas pelo objetivo maior que é a formação do sujeito, o aprender a lidar com a diversidade dos sujeitos da educação, descortina a cada momento, e muitas vezes de forma recorrente nos anos de determinado nível de ensino ou de um nível para outro, algumas temáticas “transversais” que precisarão ser abordadas e aprofundadas para dar atendimento adequado aos interesses e necessidades manifestas dos alunos. A dimensão da transversalidade no currículo é, sem dúvida, uma forma interessante e mesmo necessária para tornar o currículo escolar algo vivo, atualizado e absolutamente inserido com as questões, muitas vezes, intransigentes e insistentes da vida cotidiana como, por exemplo, a sexualidade, questões relacionadas ao uso de drogas, gravidez na adolescência, homofobia, pedofilia, questões relacionadas ao desmatamento na Amazônia, a situação dos indígenas no Brasil, transporte público e tantas outras.

Enquanto que numa educação conservadora, em nome de respeito desmesurado à obrigatoriedade de ensino dos conteúdos atrelado a uma forma medíocre de visão do conhecimento, o modelo é igual para todos e a inadequação ao modelo é um problema do sujeito que aprende, numa proposta de educação preocupada com a formação dos sujeitos envolvidos, os ajustes fazem parte da proposta e precisam ser lidos e analisados continuamente como um modo de posicionamento consciente e crítico sobre os problemas que envolvem o trato com as diferenças, encaminhando ações preventivas em relação às manifestações de intolerância, incompreensão, discriminação, preconceito, humilhação. Pode-se então afirmar que a transversalidade é na verdade o reconhecimento da educação escolar como formação e não apenas instrução.

Por outro lado, a interdisciplinaridade, como uma dimensão importante na organização da proposta curricular, refere-se a uma abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento, e que contribui de forma singular para conferir sentido e significado ao que se aprende na escola.

Na literatura pedagógica, talvez seja em Comenius que vamos encontrar as primeiras referências da interdisciplinaridade quando ele diz “que se deve ensinar de tudo a todos” e isto talvez porque ele tenha observado o que todos nós também observamos no trabalho com as crianças: o mundo se lhes apresenta de forma global, unitária. Segundo Piaget, uma visão confusa, incompleta e superficial do mundo, ou seja, uma visão sincrética.

Dito de outra forma, as perguntas do professor ou professora, instigam à respostas ou afirmações que parecem sem nexo algum de umas com as outras. Se consideradas como hipóteses, podem servir de referência para o trabalho interdisciplinar uma vez que começarão a ser investigadas através de pesquisas, conversas com outras pessoas, leitura ou narração de histórias pelo professor ou professora, dramatizações, observação de situações e dados e outras atividades que se julgar necessário e os resultados registrados de diferentes formas, com desenhos e pinturas, expressão corporal, músicas, cartazes, objetos, produção de textos, jornal mural, jornal falado, teatro, etc.

No campo da investigação não há fronteiras entre os componentes do currículo, que serão abordados conforme a necessidade do momento. Ao final de um determinado tempo, estipulado pelo próprio processo que se viveu, a sensação de esgotamento do assunto indica que se precisa finalizar o trabalho e aí se torna necessário uma discussão com o grupo envolvido no sentido de planejarem a forma como irão expressar o que aprenderam do assunto tratado.

Assim é que, ao longo da escolaridade, através dos conteúdos aprendidos de forma significativa, espera-se que, no processo, os estudantes gradativamente vão se apropriando não dos conteúdos em si, mas dos conceitos básicos que os justificam e que possibilitarão a cada estudante ir construindo a dimensão epistemológica do próprio conhecimento. Se um conteúdo foi bem trabalhado, se permitiu uma boa exploração de seu significado, se foi garantido um tempo suficiente para que alunos e professores pudessem expor as dúvidas e questões e enfrentar e superar obstáculos à compreensão, explorar com seriedade e rigor diferentes materiais e recursos, é bem provável que os conteúdos se constituíram efetivamente em instrumental necessário e imprescindível na apropriação e construção do conhecimento de forma consciente e crítica. Além do mais, o próprio trabalho em torno do conhecimento, por sua abrangência e inserção no cotidiano da vida, no processo criou, para cada estudante e o grupo de estudantes, oportunidades de reflexão a respeito de problemáticas pessoais, encorajou expressão de dúvidas e pedidos de ajuda incentivou coragem para lutar pela concretização dos projetos de vida, alimentou e permitiu a experimentação de gestos de afirmação de si mesmo, com segurança, entusiasmo para vencer as barreiras da timidez ou do medo de se expor para os outros.

Se tudo isso se constitui em viabilidade nas escolas e com os estudantes, crianças e jovens dos dias atuais, por que é tão difícil através da docência superar o que tem se convencido afirmar que “os estudantes, especialmente os maiores” não querem saber de estudar, que não levam nada a sério e coisas e tais.

No ponto de partida, repetindo Antonio Nóvoa (2007), “nada substitui o bom professor” e talvez esta seja a questão urgente a ser reafirmada: professores e professoras são seres especiais e é preciso que se convençam disso, se olhem profundamente e recuperem em si mesmos, através do desejo que os levou um dia a optarem pelo magistério, o que podem fazer e onde podem buscar as ferramentas que os ajudem a provar o valor de si mesmos, do seu ofício.

**Queridos professores e professoras,**

**Convivendo todos os dias conosco, querendo nos ensinar coisas boas, vamos aprendendo, nesta convivência, a amar todos vocês e nunca sabemos como encontrar um meio de demonstrar esse amor. Desde a primeira série que vocês tem nos acompanhado, com algumas broncas e elogios, algumas vezes com lições difíceis, mas, mesmo assim vocês são muito queridos e valorizados por todos os alunos a alunas.**

**Esta é uma oportunidade ideal para agradecer por tudo aquilo que vocês fazem por nós, por tudo que nos ensinam nas aulas e também por vocês saberem rir e serem brincalhões e ensinar com seriedade na hora certa, pelo diálogo que mantém com os alunos, por serem nossos amigos. Vocês se lembram daquele dia em que fomos ver a exposição do Picasso, em que vocês fizeram a gincana com a gente, em que deram aquele livro para a gente ler, em que vocês ensinaram fração para a gente, do dia em que fomos brincar no parquinho, do dia no final do ano em que vocês também escreveram os nomes nas nossas camisetas, daquela visita à aldeia dos índios e você escorregou na trilha da mata, da oficina em que você ensinou a gente a fazer aquele sanduíche gostoso, daquela aula que nós demos para os pais para falar do nosso projeto sobre a água, daquele dia em que todos os alunos brigaram com vocês por causa daquela prova de avaliação do bimestre, da bronca que vocês deram na sala por causa da gritaria que a gente fez em aula?**

**Acreditamos que a vida de vocês seja bastante complicada, com tantas coisas a fazer e ensinar, com tantas provas a corrigir, com toda a preocupação em saber para ensinar bem. Muitas vezes não sabemos reconhecer o esforço e a dedicação de vocês.**

**Este tem sido um ano especial para nós porque ficamos conhecendo grandes profissionais chamados verdadeiros professores, com qualidades e defeitos como todas as pessoas.**

**Um professor ou professora dos nossos sonhos tem de ser bom e atencioso com a gente, ter muita paciência, ser gentil, inteligente, competente, que saiba corrigir a gente quando precisa dar umas broncas, mas também ter muito respeito com todos os alunos, tem de saber compreender a gente, tem que ter respeito e confiança na gente. Nós precisávamos escrever esta carta porque, há alguns professores e professoras que, no começo a gente até odeia, mas depois descobre que até fazem milagres com a gente, pois, explicam e ensinam de um jeito que de repente a gente começa a gostar da matéria, a prestar atenção, a gostar de estudar e aprender. São professores que com o tempo vão nos surpreendendo com suas atitudes e vão conquistando o nosso carinho/amizade/dedicação/atenção, coisas que são difíceis e que não liberamos com facilidade.**

**Mas sabem, alguns professores, infelizmente, ensinam a gente ao contrário, pois muitos de nós até gostavam muito de alguma matéria mas depois da experiência com algum professor ou professora passou a odiar, são professores professoras que estressam muito a gente. É muito desagradável ver um professor ou professora que desmoraliza ou discrimina os alunos, que grita e berra com os alunos, que diz que é de um jeito, mas age de outro, que diz que faz uma coisa e faz outra bem diferente, que deixa os alunos bagunçarem na aula e não está nem aí. E tem também professor e professora que não ensina direito, que deixa os alunos sem aprender muita coisa importante, que gosta mesmo é de enrolar.**

**Assim mesmo, professores e professoras, vamos fazer juntos uma educação no sentido real da palavra, vamos nos entregar de corpo e alma a esta causa tão nobre e reconhecer que temos em nossas mãos tudo para transformar o mundo através da educação: vida, entusiasmo, interesse, carinho, dedicação, força, inteligência, capacidade, tempo, sonhos, projetos.**

**Enfim, não temos nem palavras para lhes dizer o quanto vocês são importantes e especiais para nós. Desejamos-lhes tudo de bom e que na vida de vocês aconteçam muitas coisas boas. Mil beijos e abraços,**

**Seus alunos e alunas muito queridos**

**OBSERVAÇÃO: esta carta, organizada por mim a partir de 100 cartas selecionadas de uma amostra maior, recolhidas por alguns professores envolvendo alunos do ensino fundamental, médio e EJA, fez parte de um artigo que escrevi para a “Revista de educação da AEC” (ver bibliografia)**

Provavelmente o percurso histórico da construção da escola brasileira seja o maior responsável por sua descaracterização como espaço de formação das crianças e jovens e isto devido a uma série de fatores que foram se instalando quase como “marcas”. Dentre elas, pode-se enumerar a caráter autoritário e hierárquico do sistema educacional que adotou como modelo a administração das escolas de fora delas, através de um sistema de controle que usou sempre a pressão e a opressão, as ameaças e o medo como instrumentos legais de exercício do poder. Consequência daquilo que hoje é defendido por grande parte dos estudiosos da educação, qual seja, a autonomia das escolas, foi se instalando como algo impensável e justificado pela “incompetência” dos educadores com a gestão das unidades escolares. Não é à toa que as escolas não conseguem se libertar de um modelo antiquado do edifício escolar e seus espaços, do formato das salas de aula permanecerem interligadas por um corredor imenso, da disposição das carteiras enfileiradas e que não levam em conta que as crianças vem para a escola muito pequenas e saem adolescentes altos e vigorosos, da compreensão de que os professores existem nas escolas para manterem os alunos sempre ocupados e de preferência em silêncio, da sala de direção / coordenação/ secretaria / sala dos professores se constituírem em espaços privados onde não se pode entrar sem obedecer a um certo ritual, da nítida separação hierárquica entre as pessoas em função dos cargos que ocupam nas escolas.

As crianças e muitos adolescentes quando vem para a escola ou quando se inicia o ano escolar vivem quase sempre uma terrível ambigüidade: por um lado sentem um desejo imenso de aprender, de conhecer coisas novas, de rever os amigos e professores, mas por outro lado lhes é penoso pensar no que poderão encontrar e os riscos que irão correr para não serem punidos, para não serem discriminados, para não serem injuriados, para não serem incompreendidos em suas dificuldades e dilemas.

O que se apresenta como saída possível para resolver o conflito descrito nos dois parágrafos anteriores pode ser a consideração de que a escola tem que ser construída de dentro para fora, ou seja, para se constituir num espaço de alta significação para educandos e educadores precisa se caracterizar como uma construção coletiva, onde as partes são extremamente importantes, mas devem estar articuladas com o todo, permanentemente, dialeticamente. Neste sentido podem se destacar dois focos de análise: a docência e a gestão da escola.

Como em qualquer profissão, alguém que tenha escolhido ser professor precisa se submeter a um processo de formação regular que lhe assegure o direito de exercer a profissão seja em escola pública ou privada. Assim, conseguir um emprego, é um direito do professor, o que não é suficiente, ou seja, a profissionalidade sozinha não é sinal de competência. Como o direito implica sempre um dever, um compromisso, é necessário responder á altura do que a profissão exige num determinado local de trabalho. É necessário que, aliada à profissionalidade esteja agregado o profissionalismo que é o que configura o aspecto ético do trabalho do professor, o seu compromisso, o seu olhar atento e curioso sobre o seu próprio trabalho, a sua relação com os estudantes e os colegas de trabalho, a sua observação constante e crítica em relação ao ambiente de trabalho, a sua disposição para colaborar, para mudar, para buscar e aceitar ajuda, a sensibilidade para detectar problemas e encaminhar soluções sozinho ou no coletivo, para admitir que precisa se atualizar, que a formação permanente é um requisito do bom profissional. O bom professor alia em si mesmo a profissionalidade e o profissionalismo.

O aspecto mais proeminente no ofício de professor é a docência e é daí que decorrem todos os outros papéis que, “por força do ofício” vão se tornando necessários exercer.

No exercício da docência, em certo sentido, o que é mais importante e talvez mais prazeroso, é a coordenação do processo de ensino e aprendizagem com os estudantes. **Tudo o que um professor sonhou um dia, mesmo antes de escolher se formar para tal - a sala de aula e o convívio com os alunos - de repente, se configuram na possibilidade e no convite permanente para a realização desta aventura que, por misturar sempre a alegria com a tristeza, cria um gosto ou prazer de permanecer e inventar novos desafios, de seguir em frente, de se revigorar a cada dia com o sorriso de uma criança, com a brincadeira de um jovem terminando o Ensino Médio, com um encontro casual com algum aluno muito tempo depois e ser reconhecido por ele.** No livro “Limites, três dimensões educacionais”, Yves de La Taille (1988), relata que o escritor Albert Camus, ao receber o Prêmio Nobel de Literatura, disse para toda a plateia, que dedicava aquele prêmio a sua professora dos primeiros anos escolares.

Esse professor, esse bom professor é algo que qualquer um pode almejar porque a questão primeira, da qual não pode abrir mão nunca, é se saber consciente de que é um professor e que tem sob sua responsabilidade estudantes que precisam dele para aprender e alçar vôos próprios na vida. É se admitir sabedor de que, para ensinar algo a alguém é possível fazer isso impondo silêncio e obediência aos alunos ou lhes apresentando o novo como um convite para que queiram e participem do processo de aprender porque, mesmo exigindo esforço, concentração, empenho e dedicação, no final a sensação é mobilizadora para criar disposição para continuar estudando e aprendendo. É admitir que se o processo não está indo bem, pode ser que é sua intervenção neste processo que não está adequada, é insatisfatória, é medíocre.

O bom professor, consciente e seguro do que faz e propõe a seus alunos, não se sente inseguro ou medroso com observações ameaçadoras dos que lhe criam dificuldades para defender seu trabalho criativo e construtivo em sala de aula; é sabedor dos limites de sua ação e não se acanha ou se omite em levar questões que podem e devem ser resolvidas no coletivo através de propostas e projetos de trabalho da escola, que envolvam outros profissionais e outros espaços da escola ou de fora.

Algumas sugestões de filmes que proporcionam ótimas reflexões sobre a escola, os alunos, os professores:

- **“A língua das mariposas”, Dir. José Luís Cuerda, Espanha, 2003**
- **“Pro dia nascer feliz”, Dir. João Jardim, Brasil, 2007**
- **“Crianças invisíveis”, vários diretores, Rai Cinema, 2005**
- **“Escritores da liberdade”, Dir. Richard LaGravenese, USA, 2006**
- **“Ser e Ter”, Dir. Nicolas Philibert, França, 2002**
- **“Entre os muros da escola”, Dir. Laurent Cantet, França, 2008**

Embora se considere e se defenda que o compromisso ou obrigação de cada docente é ir se constituindo ao longo do exercício do magistério como um bom professor, não se pode ignorar quão grande é a dificuldade para a concretização desta meta, nos dias de hoje, no ambiente escolar, no convívio cotidiano com os colegas e os próprios alunos, gestores, funcionários, famílias, comunidade, no isolamento em que as escolas se encontram para dar conta de toda a responsabilidade que lhes é delegada e cobrada.

É de extrema importância que se aborde esta questão porque, imbricada na concepção de escola que se veio construindo ao longo do tempo, influenciada em grande parte pelo funcionalismo, foi se cristalizando a idéia de que, cada um sabe de sua obrigação e se a cumprir bem, tudo vai dar certo. Ora, na vida em sociedade, no cotidiano de qualquer instituição, a prática do mundo do trabalho, expõe com objetividade e clareza de resultados que não é a soma das partes que produz os resultados esperados, mas antes a combinação de todas elas num todo harmonioso e coeso, num todo onde cada parte representa uma forma de equilíbrio do todo, num todo que se modifica para melhor ou pior em função do modo como suas partes interagem e se compõem. Usando o espaço escolar para retratar em imagem o exposto acima, como ficaria esta imagem? O que ela mostraria? Provavelmente o trabalho de retratar esta imagem se torna muito difícil porque, o individualismo do “cada um por si”, impede nos detalhes que se encontre os pontos de ligação entre as partes que compõem o universo escolar.

Admitindo-se que as escolas que se constituem em ambientes prazerosos e convidativos para se viver a relação dialética entre o ensinar e aprender é o espaço onde as pessoas se sentem respeitadas e consideradas como sujeitos, certamente são espaços que procuram se constituir, nos detalhes, como um espaço formador por excelência das crianças e adolescentes, são espaços onde todos participam e traba-

lham / estudam com seriedade / compromisso / curiosidade / preocupação com a boa execução do que se faz. Para isso, se o papel de professor é de fundamental importância, também o é, o da gestão das escolas.

Uma gestão eficiente da unidade escolar pressupõe a constituição de um grupo de educadores comprometidos e confiantes na potencialidade do trabalho de cada um para a realização de anseios e inquietações individuais, mas que, quando discutidas e compartilhadas no coletivo, podem fazer nascer propostas originais e pertinentes aos desafios que a convivência cotidiana com os alunos requer. Aprendendo a conviver com as diferenças de uns e outros através do conhecimento mútuo e da troca de ideias e proposição de projetos envolvendo a participação e colaboração de todos, com disposição entusiasmo e colaboração mesmo que de apenas parte do grupo de professores, com abertura ao novo sem perder de vista o foco principal da ação educacional e, por outro lado, acreditando que com toda a diversidade e desigualdade presentes no contexto onde acontece a ação educativa, é possível aproveitar e fazer das diferenças um desafio para encontrar novos caminhos e soluções, a contaminação que se vai percebendo, gradativamente no processo, aos poucos acaba por envolver a todos e criando disposições novas e crença no poder de uma educação levada a sério.

Assim, no tocante à orientação do processo de ensino e aprendizagem, cabe à gestão escolar procurar junto com todos os que compõem a comunidade escolar, caminhos mais eficientes para elevar o nível de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, mas que também esteja atenta para acolher a discussão e abordagem de outras questões emergentes decorrentes de circunstâncias ou situações trazidas pelos acontecimentos e questões de fora da escola, mas que afetam diretamente as crianças e os adolescentes. Além disso, se num modelo conservador de escola os pais só vem á escola para tratar dos problemas escolares dos filhos, numa gestão participativa, eles também são chamados para discutir problemas que envolvem a educação escolar dos filhos para dar sugestões e contribuições com depoimentos e relatos, para participar da confecção de recursos e materiais necessários à prática pedagógica, para participar de eventos, para se envolver no desenvolvimento dos projetos da escola.

Por ser a gestão escolar uma ação processual numa duração de tempo não mensurável, pressupõe ações a curto, médio e longo prazo, o compartilhar com todo o grupo as alegrias e decepções, vitórias e fracassos fortalecendo o espírito de equipe, a participação e reflexão de todos os envolvidos, momentos de estudo e reflexão com o grupo, necessidade do respeito mútuo, do compartilhar ideias no coletivo, divisão de tarefas visando à descentralização do poder, a aprendizagem sobre o trabalho em equipe. Mesmo que uma ação gestora assim provoque inicialmente uma certa insatisfação em boa parte dos funcionários pela perda de controle dos espaços e recursos da escola, não é motivo para frear o processo. Pelo contrário, numa situação assim, o que se pode ler é que o processo de formação permanente é uma questão vital na escola seja para o grupo de educadores, seja para os funcionários, seja para os pais.

Por fim, o que não se pode perder de vista é que a escola é um espaço para formação e desenvolvimento das crianças e jovens e isto envolve, necessariamente, a convivência harmoniosa entre todos, o trabalho dedicado e colaborador de todos, o uso adequado dos espaços públicos, o respeito e conservação do que é de uso coletivo, a aprendizagem permanente sobre o contexto social onde se vive e se convive, suas transformações e exigências, suas necessidades, os valores e formas próprias de viver e conviver.

***OBSERVAÇÃO: este texto foi produzido para integrar a publicação do curso de especialização em prevenção ao uso indevido de drogas – Previna – módulo III, texto 2, Unifesp, 2012***

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CATANI, Denice B. e GALLEGGO, Rita de Cássia. **Avaliação**, Ed. Unesp, 2006
- DE LA TAILLE, Yves. **Limites: três dimensões educacionais**, Ática, 2008
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997
- \_\_\_\_\_ **Comunicação ou extensão?**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987
- \_\_\_\_\_ **Professora sim, tia não**, São Paulo, Ed. Olho D'Água, 1993
- \_\_\_\_\_ e SHOR, Ira **Medo e ousadia**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987
- GARCIA, Olgair G. **A aula como momento de formação de educandos e educadores**, in Revista de Educação da AEC, nº 104, 1997
- \_\_\_\_\_ **Por que trabalhar com projetos no ensino médio?**, In Revista de Educação da AEC, nº 114, 2000
- \_\_\_\_\_ **Direção e coordenação pedagógicas na perspectiva da educação libertadora**, Revista de Educação da AEC, Nº 105, 1997
- \_\_\_\_\_ **Tempos de tanto desencanto, são tempos de pensar a recriação da escola**, in revista de educação da AEC, Nº 143, 2007
- \_\_\_\_\_ **Os alunos e alunas escrevem aos professores e professoras**, in Revista de educação da AEC, nº 145, 2007
- \_\_\_\_\_ **Relato de um projeto de formação do educador na escola pública**, in Revista da Faculdade de educação da USP, V. 22, 1996
- \_\_\_\_\_ **A escola Zacaria, já é a escola dos meus sonhos**, in Cadernos Sedes, uma publicação da UNICAMP, nº 83, 2011
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança em educação**, Porto Alegre, Artmed, 1998
- GONZALEZ REY, Fernando. **O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica**, in TACCA, M.Carmen V.R. Aprendizagem e trabalho pedagógico. Campinas, Alínea, 2008
- HOPKINS, David. **Cada escuela, una gran escuela**, Santillana, 2008
- MALDONADO, M. Tereza. **O bom conflito**, Integrare, 2008
- MORIN, Edgard. **A cabeça bem feita**, Bertrand Brasil, 2000
- NÓVOA, Antonio. **Nada substitui o bom professor**, palestra proferida por ocasião do Dia do Professor no Sinpro, publicação do Sinpro de São Paulo, outubro de 2007
- PIAGET, Jean **Para onde vai a educação?** Ed. José Olympio, 1974
- SEVERINO, A. J. **Educação, produção do conhecimento e a função social da escola**, in Revista Ideias, nº 24, 1994
- TACCA, M. Carmen V. R. (org.). **Aprendizagem e trabalho pedagógico**, Alínea Ed., 2008

*Olgair Gomes Garcia – Dra. em Educação pela PUC de São Paulo, professora no curso de pós-graduação em Docência no Ensino Superior na Unimesp. Atuou como coordenadora pedagógica da Emef Mauro Faccio Gonçalves – Zacarias, São Paulo*

